

Com o apoio e participação de vocês, concluímos o terceiro ciclo da BALEIA! Foi uma jornada de muito aprendizado e muito orgulho também. Foram quase cem artistas inscritas, dezenas de obras incríveis! Destas inscrições, vinte proposições foram escolhidas para o lançamento da nossa terceira zine. Agora, temos a nossa última publicação pela frente. Lembrando que, ao todo, são quatro convocatórias públicas e gratuitas. Em cada uma delas, uma curadora convidada define um tema e seleciona, a partir das inscrições, os trabalhos que darão origem a uma publicação impressa em formato de zine. A partir daí, mediante votação popular, uma artista recebe um prêmio em dinheiro.

Com o fim do terceiro ciclo, é com muita satisfação que apresentamos a nossa quarta e última convocatória da BALEIA. Convidamos vocês, mulheres artistas visuais do Distrito Federal e Entorno, a mostrarem seus trabalhos e participarem dessa caminhada com a gente. Assim como nas edições anteriores, convocamos artistas com experiência ou em formação. Para o quarto ciclo, nossa curadora é Camila Soato, artista visual brasileira, que usa a pintura para explorar a conexão entre arte e vida, e elaborou o tema da quarta edição com a gente.

Começamos essa jornada em julho de 2020 na BALEIA convidando as artistas da cidade para refletirem sobre o tempo a sua volta. Estávamos no início do ano em pandemia, ainda começando a entender as consequências de tudo isso, mergulhamos então no tempo circular. Em nosso segundo ciclo, o caminho foi de olhar para trás, reconhecer-se em suas memórias, em suas heranças, ainda que deslembradas. No terceiro momento, foi tempo de olhar para si, diante do espelho. Agora é hora de olharmos para frente, começar onde está, usando o que tem, sendo quem é, refletir sobre *Futuros Possíveis*.

Nas palavras da curadora: se não tem tu vai tu mesmo, se não tem cão caça com gato, ou tantas outras variantes, são expressões populares que dizem sobre se conformar com aquilo que se tem em mãos mesmo não sendo o ideal. E que ideal é esse? Não é apenas a ação de se conformar de forma pacata, no sentido de aceitar qualquer coisa, mas o de transformar. Resumindo a grosso modo: dar valor ao que está à nossa volta, olhar com carinho o que conquistamos, o que sentimos, o que somos, sem buscar em padrões impostos um modelo a ser seguido ou almejado. Para isso é preciso reconfigurar os moldes que nos enfiaram goela abaixo. Abandonar os resultados esperados. Jogar. Deixar de lado as sensações já catalogadas e mergulhar no desconhecido, improvisar, criar gambiarras, inventar caminhos que não se resumem em opostos, binarismos e dualidades. Em um contexto carregado de modelos pré-estabelecidos e uma história registrada e contada pelo olhar hegemônico do patriarcado, é necessário o avesso, as frestas, o resto e tudo aquilo fora do que foi programado. O que se tem pra hoje é a história em que nos colocamos como protagonistas, o tempo e memórias que inventamos e os materiais que temos em mãos, para construirmos um por vir dinâmico e próspero, construirmos futuros possíveis.

A partir dessas reflexões, está feito o convite! Mostre sua produção atual ou antiga, novas obras, trabalhos em processo, enfim, o importante é continuarmos com essa rede de artistas mulheres e, através dessa publicação, nos conhecermos um pouquinho mais. Mande seu trabalho pra gente!

